

VALENTÍN OBAC PUYOL: UM TESTEMUNHO LIBERTÁRIO NA ESPANHA (1908-1939)

IZABEL ANDRADE MARSON

APRESENTAÇÃO

"Não nos chamávamos de anarquistas porque para a gente conservadora o anarquista era 'sem governo', a confusão, o caos. Para nós era a perfeição que não tínhamos alcançado. Por isso éramos 'libertários', uma palavra muito bonita e muito apropriada, pois que éramos os defensores da liberdade (...).

A cada manifestação de repressão das forças autoritárias nós apresentávamos uma saída de libertação."

Existe um certo consenso entre os autores que trataram da história do anarquismo na Espanha sobre a especificidade da experiência anarquista naquele país. Acentua-se a violência com que grupos anarquistas investiram contra a Igreja, queimando paróquias e conventos, e a opção por práticas inusitadas (segundo os princípios anarquistas clássicos) de tais grupos, das quais a liberação dos militantes para que participassem das eleições de 1936 a favor da Frente Popular, assim com a presença de expoentes do anarquismo no primeiro governo desta coligação foram, certamente, as mais divulgadas. É também freqüente atribuir às singulares condições históricas da Espanha - destacando-se o hegemônico domínio da Igreja sobre a política e a sociedade - a responsabilidade pelas configurações particulares dos anarquistas e de outros partidos políticos espanhóis.

Todavia, apesar das circunstâncias históricas específicas, há outros traços essenciais não tão singulares na experiência anarquista espanhola que merecem ser destacados. Em primeiro lugar, a importância dos Ateneos Libertários, ao lado da CNT na formação dos militantes anarquistas e nos rumos da *política* espanhola nos primeiros 40 anos

Izabel Andrade Marson

deste século. Em segundo, o respeito - presente na maioria dos grupos anarquistas - às decisões individuais de seus membros e a veemente recusa de qualquer forma de autoritarismo. E, em terceiro, o espírito combatido cristalizado no empenho de sempre contrapor uma saída libertária a toda circunstância de "repressão" autoritária.

O depoimento apresentado a seguir é um claro testemunho destes traços. Trata-se de lembranças de Valentin Obac Puyol, um libertário aragonês que, assim como muitos outros militantes na Espanha dos anos 20 e 30, atuou modestamente nos bastidores do movimento anarquista e vivenciou episódios que marcaram a história daquele país e da Europa, como os enfrentamentos entre os Sindicatos e o Estado, o autoritarismo de governos ditatoriais e da Igreja Espanhola, as decorrências da crise de 1929 e a guerra civil de 1936-1939.

A luta contra o autoritarismo e a busca incessante da liberdade assumiram diferentes *performances* nas lembranças do senhor Valentín. Em um primeiro momento, ainda na infância e adolescência vividas na vila de Monzón (Aragão) no início do século, a liberdade configurou-se no esforço pessoal para enfrentar combativamente a vida, através do exercício da vontade de aprender a ler e adquirir uma profissão, assim como na recusa da atuação injusta e violenta da "*Guardia Civil*" contra os "*campesinos*" em geral e os militantes políticos organizadores das cooperativas nas aldeias espanholas.

Posteriormente, a busca da liberdade/sobrevivência significou transpor os limites da vila em direção a centros maiores, especialmente, Barcelona. Ali, entre 1924 e 1929, estabeleceu-se como operário da construção civil, mas também encontrou a possibilidade de aperfeiçoamento intelectual e engajamento político no contato com os Ateneos Libertários. Estes lhe proporcionaram os instrumentos essenciais para o início de uma formação libertária: a leitura, o debate, a participação em atividades de grupos de militantes, a aproximação com a imprensa política nas suas múltiplas manifestações, na qual o senhor Valentín atuou modestamente. E, também, o presenciamento de um confronto civil não declarado oficialmente, exteriorizado nos enfrentamentos entre os Sindicatos Operários e os Patronais e na repressão efetuada pela ditadura Primo de Rivera. É importante notar como que nestas circunstâncias de

acentuadas restrições políticas, os inúmeros e clássicos Ateneos Libertários de Barcelona foram instituições decisivas para a formação de militantes que, posteriormente, atuando na retaguarda do *front* da guerra civil, tiveram um desempenho essencial na organização das Coletividades "Campesinas" e no apoio logístico das tropas republicanas.

O desemprego resultante da crise de 1929 e as aberturas proporcionadas pela restauração da República Espanhola em 1931 indicaram novos caminhos para Valentín Obac. Incentivaram, uma vez mais, o aprimoramento de formação profissional e política - prestou o "Bachillerato" e tornou-se professor - assim como um maior engajamento na defesa dos ideais libertários e da República, primeiro como mestre da escola racionalista do Ateneo Libertário de Gracia; depois, seguindo a tendência de muitos anarquistas, tornou-se Secretário da Prefeitura da Vila de Binaced. E, posteriormente, durante a guerra civil, atuou como membro fundador e secretário da "Coletividad Campesina" desta vila e, no final do conflito, como redator de jornais da CNT, o *Cultura e Acción* (de Alcañiz) e o *Solidaridad Obrera* de Barcelona.

Ao longo desta trajetória, três convicções recorrentes se destacaram: a perseguição do aperfeiçoamento individual; a recusa da opressão e do autoritarismo - fossem eles exercidos pela "Guardia Civil", pelo poder centralizado em Madrid, pelo imperialismo espanhol no Marrocos, pelo domínio da Igreja sobre as consciências e os corpos ou, mesmo, pela atuação comunista no interior da guerra civil. E, por fim, a contínua preocupação com a liberdade que, em sua acepção mais ampla, significou a luta contra as forças do passado e a liberação das práticas do futuro:

"Eu acredito que os que 'vivimos' a época dos anos 20 aos 40 participamos de uns momentos de transição muito importantes: foi o confronto das forças do passado com as do futuro. A cada manifestação de repressão das forças autoritárias, nós apresentávamos uma saída de liberação. Foram os conceitos de igualdade da mulher com o homem, de liberação sexual responsável, de direitos dos trabalhadores, da oposição à tirania

Izabel Andrade Marson

do Estado, da emancipação total dos condicionamentos da Igreja, de combate aos latifundiários que monopolizavam a posse da terra, de reconhecer o valor do trabalho produtivo frente à especulação, de prescindir da burocracia usando a ação direta.

Era um leque grande de propósitos que tinham como miolo de seu conteúdo a liberdade e tudo que a acompanhava. Por isso, os mais representativos dessas aspirações eram os libertários. Não éramos únicos; havia outros cujos méritos devemos reconhecer."

Segue o depoimento redigido pelo próprio Valentín Obac, aqui reproduzido na sua forma original*.

1. EM MONZÓN

A lembrança mais antiga que tenho se remonta a Monzón, uma vila de Aragón a 150 quilômetros a oeste de Barcelona e 100 ao sul dos Pirineus, onde eu nasci. Meu irmão José, seis anos mais velho que eu, me levava pela mão até as ruínas da igreja de Santo Domingo, perto de minha casa. Me deixava sentado no chão e se juntava a outros moleques para escalar restos de muros e andar sobre um arco de pedras. Que idade tinha eu? Talvez pouco mais de um ano.

Outra lembrança, também em Monzón. Meu pai e mais dois homens estavam carregando um carro de duas rodas com um burro, com mobília que devia ser uma mudança. Meu pai se havia machucado na mão e lhe faziam um curativo na rua mesmo.

Já uma terceira lembrança é mais nítida e demorada: foi na "*casilla*" de La Cueva. Eram casas para duas famílias que havia cada cinco quilômetros ao longo do Canal de Aragón y Cataluña, destinadas aos funcionários. Pelas referências que reuni mais tarde, eu tinha três anos e acabávamos de chegar para residir ali. Havia outro menino de cinco anos, Antonio Bardina, e ficamos amigos para a vida toda; era meu companheiro

*Sem correções de língua portuguesa, inclusive, preservando a linguagem de um redator espanhol, radicado no Brasil.

de jogos. Como ficávamos longe de toda escola, o pai dele lhe ensinava a ler; eu ficava ao seu lado e também aprendi e passei a gostar muito de livros.

Meu pai havia participado da defesa das Ilhas Filipinas quando estas ilhas e Cuba se sublevaram contra a Espanha com a ajuda dos Estados Unidos. Ficaram cercados, passaram muita fome, morreram muitos e meu pai voltou com a saúde abalada para o resto da vida. Não sei se foi pelo estado de sua saúde ou porque tinha uma cultura média que lhe deram o emprego de guarda "acequero" no Canal. Tinha como trabalho vigiar o Canal a uns quilômetros da casa e controlar as saídas da água para irrigação.

O Canal de Aragón y Cataluña é um canal de irrigação de 124 quilômetros de comprimento e mais uma derivação de 50 quilômetros, e no seu curso tem pontes, túneis, aquedutos, sifões e rápidos. Todos eles são obras de engenharia muito bonitas. A casa onde residíamos ficava num lugar árido e isolado, porém criávamos galinhas e coelhos e tínhamos uma hortinha com bons produtos. Uns quatro anos mais tarde, nos trasladamos a outra casa da canal, onde residi até onze anos, quando meu pai me colocou como aprendiz de ferreiro em Monzón. Em Monzón conservávamos a casa e fazíamos visitas cada mês para fazer compras. Eu era tímido e não me animava a participar dos jogos das outras crianças por medo de não saber jogar.

Meu pai tinha idéias republicanas, porém eu era muito novo e não conversava sobre isso com ele. Como ficávamos muito longe da vila, não freqüentei escolas, e meu pai me deu uma preparação a nível de primário completo. E, quando completei onze anos, colocou-me de aprendiz de ferreiro em Monzón. A ferraria era modesta. Dois filhos da casa e eu formávamos o pessoal. Eu fazia funcionar o fole que dava ar à fornalha de esquentar os ferros. Quando se forjava uma peça maior, eu acompanhava o martelar com um martelo de quatro quilos, de cabo comprido. Terminava de furar as ferraduras que fabricávamos lá mesmo e fazia todos os outros trabalhos miúdos. Dormia na casa e me davam a comida.

Na vila haviam aberto uma Cooperativa, onde imperava um ambiente rebelde. O marido de uma filha da casa, o "silhero", era membro ativo da Cooperativa e quando falavam dele baixavam o tom da voz com medo de ser escutados. Um certo dia, rebentou um explosivo na porta da loja de um ricoço da vila. Levantaram-se muitos rumores e a "guardia civil" veio à nossa casa de madrugada para prender o "silhero". Porém, não sei por quê, só estávamos na casa um filho novo e eu. Não escutamos as batidas na porta e tiveram que voltar outra vez, quando levaram o "silhero" algemado.

Ninguém gostava da "guardia civil". Tinha fama de prender e bater nos pobres "campesinos" por haverem recolhido no campo mato para queimar na sua casa, ou caçar um coelho. Seu uniforme triste, o "tricórnio" de "charol" preto, a espingarda a tiracolo, lhes dava um aspecto ameaçador. Federico Garcia Lorca disse: "*Y no lloran porque tienen de plomos las calaveras!*". Foi um episódio que me impressionou muito e aumentou meu rechaço pela "guardia civil".

Em Monzón, o Canal tinha oficinas para os serviços de manutenção, e lá me colocou meu pai quando eu tinha treze anos. A secção dos trabalhos com ferro tinha como encarregado um senhor idoso que dirigia os operários, eu e meu amigo Antonio Bardina, que também era aprendiz de ferreiro. Nós dávamos conta dos trabalhos que apareciam; e, quando era algo mais difícil, recebíamos ajuda. Algum tempo depois que comecei este trabalho, a oficina recebeu força motriz, um motor elétrico de bom tamanho, um "arbol" - que era um eixo no teto com polias para movimentar a ventoinha da frágua; de furar, um rebolo de esmeril, uma serra para ferro e um torno. O torno ficou por minha conta e com ele eu fazia os trabalhos que eram de pouca importância.

Conservávamos nossa casa em Monzón e nela eu residia e fazia o desjejum e a ceia. O almoço era feito na casa de minha avó. Nesses dois anos que durou meu emprego, comi muitos ovos fritos e muitas latas de sardinha. Nos primeiros tempos que me lembro de Monzón, a iluminação era feita com candeeiro, de luz fraca e que precisava avivar com frequência. Porém, um dia, instalaram a eletricidade, com uma lâmpada em cada casa, que ligavam e desligavam desde um ponto central. Era uma luz muito boa. Eu gostava muito de ler e, um dia, no fundo de um baú,

encontrei uns livros de quando meu pai era jovem. Um era "*El año 2000*" de Edgar Bellami, uma teoria socialista muito simpática; um outro, "*La Religión al alcance de todos*" de Ibarreta, uma crítica muito bem feita do catolicismo; e o terceiro livro era "*Los Hijos del Pueblo*" de Eugenio Sué, penso que em dois volumes. Eram umas memórias completas de uma família bretã começando 57 anos antes de Cristo, o ano que os romanos conquistaram a Gália. E essas memórias continuavam por gerações sucessivas até a Revolução Francesa, de tal modo que o leitor tem uma idéia completa da história da França. Faço questão de remarcar a existência desses livros pelo seu sentido de liberdade e que eu conhecia aos treze anos de idade.

2. A PROCURA DE TRABALHO E O ENCONTRO COM OS ATENEOS

Aos quinze anos, em 1922, meu pai me mandou para Barcelona. Ali, mediante a recomendação de um "senhor", me coloquei a trabalhar em uma fábrica de máquinas para cerâmica. Me mandavam varrer os pisos, limpar e engraxar as máquinas, buscar água para beber nas fontes da rua e comprar cigarros para os operários. Os quatro anos de aprendizado anteriores não me serviram para nada. Além disso, me pagavam 15 pesetas por quinzena, enquanto devia 25 na pensão. Por estes dados se pode avaliar a situação de desemprego e o nível dos salários na Espanha daquele momento.

Naquela época se falava muito do Sindicato único, da CNT. Havia muitos operários filiados a esse Sindicato e eram frequentes as greves. A Patronal lhes opôs o Sindicato livre, que tinha poucos filiados, porém fazia muito barulho porque enfrentava muito a tiros de pistola com os membros da CNT. Muitas tardes, quando voltava do trabalho, escutava o pipocar dos tiros de pistola: eram os filiados que se enfrentavam nas ruas. Morriam alguns de um bando ou outro, e foi nesses dias que mataram a Salvador Seguí, o "*Noi del Sucre*". Era governador civil Martínez Anido, que teve fama de ser cruel e de instaurar a "*ley de fugas*": soltavam os presos a altas horas da noite, os fuzilavam na rua e declaravam que haviam disparado porque estavam fugindo. "*Todo esto me impresionava*".

Izabel Andrade Marson

Meu pai me mandou para Bordéus, onde residia seu único irmão. Fiz a viagem no mesmo dia em que tomava o poder o general Primo de Rivera: 23 de setembro de 1923. Em Bordéus, um mecânico não valia nada porque na guerra terminada em 1918 todo mundo havia sido mecânico. Fiquei dois meses desempregado e esta experiência me ficou gravada. Com quinze anos, sabendo falar pouco o francês e sendo tímido, saí à procura de trabalho e me "embochei" na primeira obra que tentei ganhando salário de adulto. Isso me fez gostar da França para sempre. Pagava pensão aos tios, me comprei um terno e uma bicicleta e andava com dinheiro no bolso; comia e bebia muito bem e considerava a França como meu país para sempre. Mas, um dia, após oito meses, chegou um telegrama dizendo que meu pai havia falecido; duas horas depois eu estava no trem de volta a Monzón.

A Espanha foi ocupada pelos árabes de 711 a 1492, quase oito séculos. Numa época que toda Europa estava sumida nas trevas do feudalismo, os árabes deram à Espanha o que havia de melhor em termos de civilização. Ao "descubrir" e ocupar a América, os espanhóis encontraram muitas riquezas que tornaram a Espanha poderosa. Durante os reinados de Carlos I e Felipe II o sol nunca se punha no Império espanhol. Os homens abandonaram o trabalho e se fizeram soldados. Apareceram muitos monges e mendigos porque os campos e a produção foram abandonados. Com o ouro e a prata das colônias tudo se importava.

Ao ver-se com tanto poder nas mãos, os reis se autoneomaram defensores mundiais do Catolicismo e se iniciou um período de muitas guerras que levaram a Espanha à ruína. Porém, sobrou a doutrina de um autoritarismo absoluto. Circulava uma moeda de prata chamada "duro", de cinco peseras, e havia uma com a inscrição: "*Alfonso XII, rey de España por la gracia de Dios*". Se era Deus que o havia nomeado, quem podia discutir seus direitos absolutos? As pessoas eram súditos, não cidadãos. Ao fazer uma filiação punham direto "católico"; não concebiam que pudesse ser de outra religião. Os padres velavam pela moral pública com muito rigor: a altura das saias acima do tornozelo, os braços à vista, andar de bicicleta, o beijo em público e, "mui especialmente" tudo que se referia à relação amorosa. Frente à arrogância e injustiça dos poderosos

recomendavam obediência e resignação. A mulher adúltera podia ser processada e condenada; o homem adúltero era "*ensalzado*". No mês de julho de 1985, na entrada da Catedral de Toledo, havia um coroinha olhando demoradamente as pernas das moças turistas, para decidir com que comprimento de pernas a vista se podia entrar. Todo poder era exercido "desde" Madrid, centro geográfico de Espanha, com critérios de favor e não de justiça. Nos quartéis havia muito rigor na disciplina e a mesma coisa nas escolas e na família. Os filhos se dirigiam aos pais por "*usted*", "*si señor mande usted*"; nas vizinhanças de Portugal as mulheres davam esse tratamento ao marido.

Com esse clima tão autoritário, não é de estranhar que se desenvolvesse uma rebeldia contida que, quando se manifestava, era violenta. Nas revoltas, o "*primer*" gesto era queimar igrejas. Os movimentos sociais que apareceram na Europa no século XIX também se manifestaram na Espanha: os socialistas com Pablo Iglesias e os anarquistas. Uma figura anarquista que se destacou foi Francisco Ferrer Guardia, o fundador da Escola Moderna ou Racionalista, que criou muitas escolas, publicou muitos livros e produziu um conceito novo de educação que contestava o monopólio da Igreja sobre o ensino. Por isso, aproveitaram a confusão da Semana Trágica de Barcelona em 1909 e o fuzilaram nos fossos de Montjuich.

Como uma tardia manifestação de suas inclinações colonizadoras, o governo espanhol ocupou uma faixa do norte de Marrocos e denominou-a Protectorado de Marruecos. Proteger o que? Era um terreno árido que só produzia figos da índia e abrigava minas de ferro de propriedade do Conde Romanones. Para preservar o domínio desse Protectorado, mantinha-se contingentes de soldados que eram constantemente atacados e dizimados pelos "*moros*", o que exigia o envio de mais tropas. O povo odiava o envio desses soldados e havia revoltas de protesto. Em 1909, os protestos foram tão intensos que deram lugar à Semana Trágica de Barcelona, com enfrentamentos violentos, muitos mortos, fuzilamentos e queima de igrejas e conventos.

Em 1923, ante uma situação difícil por desastres militares no Marrocos e muita agitação social, o rei nomeou o general Primo de Rivera com plenos poderes (*dictador*). Foram reprimidas todas as manifestações

Izabel Andrade Marson

sociais e os Sindicatos únicos entraram na clandestinidade. Em 1929, Primo de Rivera passou o poder ao general Berenguer, que foi permitindo o retorno das manifestantes sociais e, assim, em 14 de abril de 1931 era proclamada a República.

Em maio de 1924 voltei da França por haver falecido meu pai. Permaneci um ano em Monzón e depois retornei a Barcelona. Desta vez minha volta foi bem sucedida: entrei a trabalhar como meio pedreiro ganhando bem e, em dois anos, completei o ofício. Residia na mesma pensão em que me hospedara anteriormente em Barcelona. Não ficava longe o Ateneo Enciclopédico Popular da calle del Carmen, do qual me fiz sócio. Era um ambiente seletivo e acolhedor com boa biblioteca e sala de ginástica com aparelhos, que frequentei muito. Apresentava palestras importantes e o nome Enciclopédico a ele conferido era justo porque havia um pouco de tudo. Passados os anos fiquei sabendo de pessoas que se destacaram em atividades sociais e culturais as quais haviam frequentado esse Ateneo nos mesmos tempos que eu.

Mais tarde, minha mãe e minha irmã vieram a Barcelona e refizemos o lar. Perto de onde eu residia conheci um grupo esperantista e ingressei nele. Era pouco numeroso, porém de ambiente agradável. Estudávamos a língua esperanto, que nos parecia fácil e que acreditávamos um dia seria o idioma universal. Mantínhamos correspondência com outros estudantes de países do Este e recebíamos uma revistinha. Me inscrevi no *Anuário Esperantista* que publicou meu nome e endereço. Disto resultou que, às vezes, aparecia algum turista esperantista em dificuldades que eu encaminhava ao grupo. Se celebrava algum "velada" e representavam obras de teatro. Tudo correu muito bem até que apareceu um jovem comunista. Em pouco tempo assumiu o "control", bagunçou tudo e se desfez o grupo. Como se não bastasse, apresentou a língua "Ido" e a "Volapuk" com a pretensão que eram mais perfeitas do que o esperanto. Aí aprendi duas coisas: que os comunistas não são bons companheiros e que toda "escisão" tem efeitos desastrosos. Porém também aprendi a sentir o que é a fraternidade: quando encontrava um esperantista era como um irmão.



Capa do *Almanaque de La Novela Ideal* (1927), revista publicada em Barcelona, na Espanha (no AEL, revista estrangeira Re/0167). Banco de Imagens/AEL/UNICAMP.

Izabel Andrade Marson

Sempre gostei da leitura e em Barcelona era fácil adquirir textos. Nas Atarazanas, perto do monumento a Colombo, havia um conjunto de barracas de livros velhos. Uma das barracas era de Tomás Herreros, um velho companheiro que oferecia boas publicações de tendência livre. A gente comprava e depois podia devolver com vinte por cento de desconto. Por este sistema eu li muitos livros bons.

Em Valência se publicava *Generación Consciente*, que, mais tarde, trocou o título por *Estudios*. Se dizia "ecléctica". Foi a revista de idéias sociais mais agradável que tenho conhecido, e muito amena. Figuravam na sua redação os irmãos Alcrudo, de Zaragoza; Isaac Puente, de Bilbao e o doutor Gregorio Marañón, de muita capacidade e muito livre. Também marcou época a *Revista Blanca*, editada por Federico Urales. Esta revista teve vida muito longa; foi a mais importante ao serviço das idéias libertárias e foi acompanhada de "um importante labor editorial". Junto com ela se publicou *La Novela Ideal*, *La Novela Libre*, *El Luchador e Tierra y Libertad*.

Frederico Urales havia nascido em Reus (Tarragona) com o nome de Juan Montseny, que trocou pelo pseudônimo Urales para sempre. Lhe acompanhou "na sua labor" Soledad Gustavo, nascida Teresa Mañé e a filha de ambos, Frederica Montseny, que dedicou sua vida à propaganda das idéias libertárias: foi ministra durante a guerra civil e representou um símbolo das idéias libertárias.

Na montanha de Montjuich "*se començaran*" as obras para a "*Exposición Universal de 1929*". Houve muita atividade de construção, algo similar à preparação do IV Centenário de S. Paulo no Ibirapuera. Vieram muitos operários do sul, que é a região pobre, a maioria de Murcia. E, chamávamos a todos marçianos, mesmo que fossem de outras localidades. Tinham muitas semelhanças com os "balmos", pois que este nome se aplica a todos os nordestinos. Recebiam os salários mais baixos, dormiam nas obras e faziam economias para mandar à suas famílias. Também têm em comum que são rebeldes. Eu entrei a trabalhar lá e fiz bons amigos. Houve um que me iniciou na poesia clássica espanhola que é muito rica e rebelde.

Um dia, tive de mandar um escrito breve para o diário local *Las Noticias* e me foi publicado. Mande uns poucos mais, todos breves, e

foram todos publicados. Se publicava semanalmente *La Novela Ideal*, de 32 páginas, que se vendia por 15 céntimos, o preço de uma passagem de bonde. Tinha muita aceitação e nós jovens esperávamos com expectativa a aparição de cada número. Era publicada pela família Urales. Não sei como foi que tive a iniciativa de escrever uma novela. Foi feita com letra manuscrita e a apresentei na casa de Urales. Não havia passado muito tempo e a vi exposta numa banca de jornais. Eu estava com 21 anos e era bastante sonhador. Não dá para explicar a emoção que senti, e pensei que era muito importante para mim. No momento talvez exagerava, porém, vistas as coisas com certa distância no tempo, tenho a dizer que de fato foi importante. Continuei a colaborar na Novela com calma, e chegaram a publicar-me 15 números. *La Novela Ideal* chegou a publicar 600 números ao longo de 12 anos. Todos os que colaboramos éramos amadores. Os temas foram muito variados, porém, sempre com um espírito jovem de tendência libertária, enfocando os problemas como os sentíamos cada um, da mesma forma que a maioria dos leitores jovens. Usávamos a mesma linguagem gramatical e de idéias, por isso havia uma sintonia muito grande. Se poderia dizer que era recomendada dos oito aos oitenta anos, pois se era própria da juventude, os adultos também a liam. Com tudo isto, podemos afirmar que talvez não tenha existido outra publicação que haja trazido tantos adeptos para a causa da liberdade.

Pelo ano de 1930 o Governo ia permitindo maiores atividades sociais e os companheiros da CNT fundaram o Ateneo Libertario dei Clot, que foi o primeiro e o mais importante dos Ateneos de Barcelona, no qual eu figurava entre os fundadores. Se instalou numa residência alugada e tinha dependências para reuniões, ginástica, biblioteca e outras. Foi muito procurado desde os primeiros momentos por uma grande maioria de moços e moças, porém também havia adultos. A biblioteca não era grande, porém, sim seleta. Lá conheci uma Geografia de Eliseo Reclús, uma História Universal de César Cantú e outra de H. Georges Wells. Apareciam personagens importantes para dar conferências. Um doutor jovem, Cosme Rofes, nos ministrou um curso de Educação Sexual em seis palestras que não deixou nada a dever aos que se dão na atualidade. Conversávamos muito e havia intercâmbio de idéias. Entre todas as atividades se destacavam as "*charlas*". Quando nos parecia, nos reuníamos em roda

Izabel Andrade Marson

um grupo, se escolhia um tema, se nomeava um coordenador, e iam falando todos os que tinham vontade e se estimulava aos outros. Desse modo, se perdiam as inibições e se adquiriam muitos conhecimentos. Nos fins de semana se faziam saídas: no verão às praias e no frio para a montanha. As "*jiras*" eram piqueniques maiores, as vezes com participação de companheiros estrangeiros. Lembro muito de Max Netlau. Era um ambiente de intercâmbio e confraternização onde se iniciavam e afirmavam muitos companheiros.

Não nos chamávamos de anarquistas. Para a gente conservadora, o anarquista era "sem governo", a confusão, o caos. Para nós, era a perfeição que não tínhamos alcançado. Por isso éramos "libertários", uma palavra muito bonita e muito apropriada, pois que éramos os defensores da liberdade. Já disse que o ambiente estava saturado de idéias libertárias e havia uma oposição a tudo que representava opressão, figurando em primeiro lugar a religião e as autoridades que eram aliadas dos poderosos: os militares e a grande propriedade.

Tínhamos idéias firmes e esclarecidas sobre os direitos da mulher: em princípio deveriam ter os mesmos direitos que os homens. Defendíamos o "amor livre", porém isso se limitava ao direito dos casais se unirem por sua livre vontade, sem recorrer à Igreja ou ao Cartório, ou a outra autoridade qualquer. Porém, fora disso, se achava ruim a libertinagem ou outra conduta irresponsável.

Uma idéia muito difundida era que precisávamos ter uma conduta exemplar e fazíamos o possível para cumprir este propósito. Fora dos meios libertários éramos bem considerados, e nos lugares de trabalho os libertários eram os líderes por serem os mais corajosos para defender os direitos de seus colegas, e até os patrões preferiam discutir com eles os problemas porque eram os mais objetivos.

3. A VIVÊNCIA DA REPÚBLICA E DA GUERRA CIVIL

Em 14 de abril de 1931 foi proclamada a República. Para os conservadores que haviam controlado o poder desde os tempos dos Reis

Católicos, era o fim do mundo. Para os liberais, que haviam lutado por mais liberdades durante muito tempo, era o grande ideal alcançado. Muitos empresários e capitalistas juntaram seus bens como puderam, fecharam as fábricas e se trasladaram ao estrangeiro. Em muitas residências de Barcelona se podia comprar os mais variados objetos seletos a bom preço. Como a crise de 29 ainda permanecia no ambiente, se produziu muito desemprego. Eu mesmo fui demitido a 2 de janeiro de 1932.

Como não havia forma de encontrar novo emprego na construção e sobrevivia como porteiro de um prédio, resolvi estudar "*Bachillerato*", que era feito em seis anos, e com esse diploma se podia ingressar na Universidade. Estudei livre, totalmente em casa e sem professores, e nesse ano de 1932 aprovei quatro anos, e mais dois no ano seguinte. Antes de ter o diploma, me coloquei de professor primário particular. Mais adiante, se abriram escolas racionalistas em alguns Ateneos e eu fui professor duma delas. Havia mais boa vontade que capacidade, porém funcionavam bem e o clima de entusiasmo que havia ajudava muito. Posteriormente fiz "*oposiciones*" para secretário de Prefeitura, me coloquei numa vila de 2.000 habitantes perto de Monzón (Binaced) e ali estava quando teve lugar o "*Alzamiento Nacionalista*".

O povo, o "povão", ficou "desencantado" com a República. Se esperava muito dela e aconteceu o desemprego muito extenso; não foram realizadas as promessas de melhorias sociais; nem a reforma agrária. Continuaram os mesmos empregados nos lugares importantes. Enfim, uma decepção muito grande. Começaram muitas greves e movimentos de protesto que eram reprimidos com rigor. Na Andalucia, houve um movimento que foi reprimido com a ordem de incendiar a cabana de um operário chamado "Seis Dedos" que resultou na morte do operário e de toda sua família. Se atribuía ao presidente Manuel Azaña a ordem de "*los tiros a la barriga*".

A CNT (Confederación Nacional del Trabajo) foi fundada em 1910 e era a base de todos os outros organismos libertários, a começar pelos Sindicatos únicos e também a FAI, as Juventudes Libertárias e Mujeres Libres. Chegou a ter um milhão de filiados e tinha muita presença em

todos os ambientes "laborais". Os cinco anos que passaram desde a proclamação da República até julho de 1936 foram de muita agitação social: desemprego, greves e confrontos. Os dois campos, direitas e esquerdas, estavam muito polarizados: o ambiente parecia carregado como a atmosfera quando se prepara uma tormenta. Porém, o fator decisivo, foi o aparecimento do fascismo de Mussolini e o nazismo de Hitler, que animaram as forças reacionárias espanholas. Elas receberam promessas de apoio amplo para o levantamento de setores do Exército contra a República.

Embora os preparativos viessem de muito longe, se pode atribuir as causas da Guerra Civil Espanhola a várias agitações que com a rebelião dos mineiros asturianos em outubro de 1934, reprimida por forças da Legião estrangeira e soldados mouros, chefiados pelo jovem general de *División*, até então desconhecido, Francisco Paulino Hermenegildo Teódulo Franco Bahamonde. Se lançou com toda força durante vinte dias sobre os mineiros massacrando-os e, portanto-se como se estivesse num país inimigo, torturando e assassinando 5 mil homens e encarcerando 20 mil. O governo de Portela Valladares nomeou Franco Chefe do Estado maior do Exército.

A República que chegou com muito entusiasmo não deu satisfação nem às direitas nem às esquerdas. Houve sempre muita confusão, greves e confrontos. Em fevereiro de 1936 aconteceram eleições gerais vencidas pela Frente Popular, formada pelos socialistas, Esquerda Republicana, União Republicana, Partido de Esquerda da Catalunha e Comunistas. A direita derrotada estava formada pela CEDA (Confederación Española de Derechas Autónomas) mais o Partido Monarquista de Gil Robles, o Partido Agrário e o Partido Tradicionalista. Nessas datas aparecia o *Partido de la Falange*, liderado por José Antonio Primo de Rivera. Começaram a conspirar os generais Mola (de Pamplona), Goded (de Barcelona), Fanjul (de Madrid), Sanjurjo (de Zaragoza) e Franco , que havia sido destituído de Chefe do Estado Maior e destinado ao Tenerife. Houve atentados de ambas as partes que culminaram com a morte de Calvo Sotelo, chefe dos monarquistas. O navio de militantes falangistas crescia e a violência deles se multiplicava, com assassinatos políticos, incêndios criminosos e sabotagens de toda ordem. Dos comunistas aos

monarquistas, dos socialistas aos falangistas, dos liberais aos anarquistas, cada grupo partidário tratava de atribuir a responsabilidade ao outro.

Na madrugada do 18 de julho de 1936, agindo com grande sincronização, os generais já citados sublevaram suas tropas e tomaram rapidamente as províncias do norte, com exceção de Bilbao, Guipúzcoa, Santander e Oviedo, e no sul, Sevilha e Cádiz. Estava começada a Guerra Civil que duraria de 18 de julho de 1936 até 31 de março de 1939. Franco entrou na península com tropas da Legião Estrangeira e mouros, com barcos e aviões fornecidos pela Alemanha e Itália para fazer o transporte de 20.000 homens. O governo republicano estava indeciso, apesar das evidências. Enquanto os ministros discutiam o que fazer, os trabalhadores ocuparam as ruas e sitiaram os quartéis rebeldes, exigindo armas do governo. Em Barcelona, os operários anarquistas avançaram em ondas sobre os quartéis, e na madrugada do dia 19, caminhões do Exército saíram às ruas de Madrid levando armas às sedes dos Sindicatos. Em Barcelona, os operários submeteram os principais pontos de resistência dos rebeldes e se confraternizaram com as tropas.

A rebelião triunfou em boa parte das regiões mais atrasadas e tradicionalistas e foi esmagada nas principais cidades e em quase todas as regiões industriais. Estava começada a Guerra Civil que duraria dois anos e nove meses, deixando um saldo de um milhão de mortos (4% dos 25 milhões que tinha a Espanha). A República ficou com as regiões mais ricas, porém, a ajuda maciça da Alemanha e da Itália fez com que os nacionalistas lutassem sempre com vantagem.

Um pouco por toda parte, mas principalmente na Catalunha, fábricas e fazendas eram ocupadas pelos trabalhadores. As milícias populares eram poderosas, não controladas pelo governo, e combatiam lado a lado com as forças do Exército que haviam ficado fiéis à República. No lado republicano, os anarquistas e os socialistas tinham o maior poder de fato, mas permaneceram indecisos e não assumiram o poder. Os comunistas eram poucos, porém atuaram como conservadores: se uniram aos partidos burgueses e aceitaram em suas filas todo o pessoal de conduta duvidosa. A URSS e a França mandaram ou venderam armas à República, porém, com muitas restrições, enquanto que a Alemanha enviou, durante toda a

guerra, todas as necessárias: tanques, canhões, aviões e todo o pessoal técnico. A Itália enviou 50.000 soldados.

Em setembro de 1936 se formou o governo de Largo Caballero. Os nacionalistas, a 7 de novembro, depois de um rápido avanço por Andalucia, bombardearam Madrid com a artilharia, e começou uma batalha com 20.000 "marroquies" e legionários sobre a massa urbana da Cidade Universitária. Se lutou casa por casa, andar por andar, e os republicanos resistiram ao grito de "no pasarán". Entraram na luta as Brigadas Internacionais. A França e a Inglaterra, com a aprovação dos Estados Unidos, lançaram o Plano de "Não Intervenção", pelo qual ninguém podia vender nem ajudar os beligerantes. Mas só serviu para isolar a República, pois Franco continuou recebendo ajuda abertamente.

Madrid resistiu e Franco mudou de planos atacando o norte. Em março de 1937 a aviação alemã bombardeou Guernica, a 30 quilômetros atrás da linha do *front* e sem interesse militar: fizeram 1.654 mortos. Na Catalunha os comunistas lançaram uma campanha para combater os anarquistas e o POUM (Partido Obrero de Unificación Marxista). A 2 de maio começaram os choques deixando 400 mortos nas ruas de Barcelona. Assim ficou definida a "escisão" no campo republicano: os operários queriam consolidar o controle das indústrias e do campo e os comunistas queriam a anulação de todos os avanços revolucionários. Teve início uma perseguição de tipo stalinista e com a colaboração de membros das forças de repressão soviéticas (com torturas e assassinatos) aos anarquistas e membros do POUM. Dentre os assassinados estava Andrés Nin, chefe do POUM, e também muitos outros foram eliminados.

Em junho de 1937 a guerra entrou numa fase de indefinições. No campo político avançavam os comunistas que iam de acordo com os partidos burgueses. O chefe da rebelião nacionalista deveria ter sido Sanjurjo, porém morreu ao cair o avião que o trazia de Portugal. Mola também era importante, mas Franco acabou assumindo o comando. Uns poucos generais ficaram do lado da República. Os principais apoios de Franco foram a Igreja, os latifundiários, os militares, os partidos de direita, os "requetés" de Navarra e os camponeses mais atrasados que eram aconselhados pelos padres das paróquias. A favor da República estavam

os partidos de esquerda, a Catalunha e as Províncias Vascongadas que pleiteavam a autonomia, os operários socialistas, anarquistas e republicanos de esquerda e os comunistas que eram poucos, mas que cresceram durante a luta devido ao apoio condicionado da URSS.

O presidente Manuel Azaña, líder da Frente Popular de 1936, tinha como objetivo livrar-se da influência da Igreja Católica que considerava culpada pelo atraso medieval que a Espanha sofria. Foi essa Igreja, com sua repressão a todo pensamento inovador ou burguês (quando o resto da Europa estava se renovando) quem presidiu o retrocesso da Espanha de sua condição de grande Império para uma nação empobrecida e arruinada) a quem só restava o orgulho de sua classe feudal e o autoritarismo. Azaña se apoiava nos anarquistas, socialistas e republicanos. As forças do passado reagiram violentamente e começou a Guerra Civil. A maior vergonha foi a França, na época sob a chefia de Leon Blum, famoso líder socialista, que não fez nada para ajudar a República Espanhola. Se houvesse ajudado é bem possível que o curso da guerra poderia ter sido bem diferente. A URSS ajudou, porém, com restrições e manobrando para que os comunistas ocupassem os cargos estratégicos. E, no fim, ficou provado que não queria uma revolução na Espanha que não fosse controlada por ela.

Franco não pode ser chamado de fascista. Usou a Falange, mas não deixou tomar o poder e fez uma repressão muito dura, de aspecto clerical e medieval. Em 1960 se deixou convencer pelo "*Opus Dei*" para modernizar o país e foi criada a base industrial. Mas, em 1940, depois da derrota da França, quando Hitler parecia o dono do mundo, Franco se recusou a entrar na guerra ao lado dele. Franco queria devolver a Espanha à Idade Média. É difícil exagerar o reacionarismo de Franco, o da Igreja e a crueldade dos latifundiários porque eram, na verdade, muito grandes.

A Guerra Civil Espanhola foi um ensaio dos fascistas para a Segunda Guerra mundial, pelo grande número de mortos, ataques às populações civis, às táticas de combate: os "*stukas*" que mergulhavam direto sobre os alvos, as concentrações de tanques, os ataques-relâmpago. Terminada a guerra em 31 de março de 1939, todos os homens de mais de 18 anos da zona republicana foram internados em campos de concentração ou convidados a internarem-se. Nos campos, muitos deles foram retirados

Izabel Andrade Marson

por grupos de falangistas e assassinados nas suas cidades. Os demais eram "depurados": uns postos em liberdade condicional e outros encaminhados às prisões para serem julgados por tribunais militares e muitos deles condenados a morte por fuzilamento. A repressão do começo da guerra e a repressão posterior fizeram mais mortes do que a guerra mesma. Apenas seis anos após o termino da guerra, quando Hitler e Mussolini já estavam derrotados, Franco se sentiu inseguro e foi suavizando a repressão. Porém, mesmo assim, foram muitos os detentos que continuaram nas prisões por muito tempo.

Quando começou a Guerra Civil eu estava ocupando o cargo de secretário da Prefeitura de Benaced, uma vila de 2.000 habitantes no Aragón. Os republicanos e "*afines*" se reuniram para organizar a resistência contra os que se sentiam inclinados a lutar com os sublevados, em especial a "*Guardia Civil*" e os falangistas. Havia indecisão na escolha da forma de organizar-se, e alguém sugeriu procurar a ajuda de meia dúzia de anarquistas que viviam na vila, os quais se apressaram a colaborar com muito empenho. E, daí em diante, foram os líderes em todos os momentos para tomar decisões importantes. Em pouco dias, alguns núcleos de resistência foram dominados e a situação ficou a favor dos republicanos.

Começaram a aparecer grupos de combatentes que haviam formado em Barcelona, e que iam se juntando com mais voluntários por onde passavam, para ir ao encontro do inimigo e empurrá-lo o mais longe possível. Quase todos os moços da vila e também alguns adultos se uniram a esses grupos que formaram o *front* de luta. Metade dos homens em condições de trabalhar saíram da vila.

Na Espanha havia uma maioria de "*campesinos*" proprietários de pequenas parcelas de terra que praticavam uma produção de subsistência, produzindo quase todos os alimentos que consumiam. Tinham uma boa alimentação, porém, sobrava pouco dinheiro. O produto principal para todo o mundo era o trigo. Não havia "*campesino*" que não procurasse ter uma parcela plantada de trigo para que não lhe faltasse pão nem um dia. Agora bem, o trigo tem um ponto certo para ser colhido; tem que esperar que esteja amadurecido para que depois não mofe, e não pode estar muito seco porque se desmancham as espigas e se perde muito.

Por isso, se espera com impaciência o momento certo de começar a colheita e realizam-na com todas suas energias. Nos dias da colheita trabalham doze horas por dia todos os membros da família que estão com forças para ajudar. Se comem os melhores bocados que foram guardados durante todo o ano para esta ocasião, se bebe o bom vinho e até a água fria da moringa.

Resultou que na data do "*Alzamiento*" se andava pela metade da colheita do trigo. Os homens em idade de trabalhar haviam ido para o *front* e os grandes proprietários desapareceram. E lá ficou tudo abandonado. De um modo espontâneo, se lançaram todos a recolher o trigo que ficou sendo de todos. Os libertários vinham propagando desde muito tempo que seu ideal era o comunismo libertário. Além disso, nas vilas, desde tempos muito antigos havia o uso das ovelhas da comunidade serem apresentadas por um mesmo pastor que as recolhia de boa e cuidava delas durante todo o dia. Ainda, quando não havia dinheiro para executar alguns serviços no município, eles eram feitos em mutirão, de forma a evitar os impostos. Havia terras "*comunales*" que a prefeitura cedia em usufruto a preço simbólico. Partindo a idéia dos poucos anarquistas da vila, se lançou a proposta de organizar "Coletividades Campesinas". Como o clima estava excitado e tudo parecia fácil, se fizeram reuniões na praça principal com a participação de todo o povo, se discutiu a idéia, se fizeram propostas concretas, se nomeou as pessoas que haviam de dar a forma final ao projeto e, em poucos dias, estava organizada a Coletividade.

Com tudo regulamentado após as reuniões necessárias, se fez a inscrição e ingressaram 8% dos vizinhos. Por que foi tão alta a adesão? Principalmente porque havia um clima de euforia que facilitava tudo o que era novo, e também porque havia a certeza de que os que vinham cultivando suas propriedades com mão-de-obra assalariada não poderiam mais contratar operários. Teriam que limitar-se a trabalhar eles mesmos e seus familiares. Foram "incautados" os bens dos mais ricos que estavam ausentes. Os sócios da Coletividade "apartaram" suas terras, ferramentas e animais de "labor". Os que não quiseram ingressar na Coletividade foram respeitados e nos serviços que a Coletividade havia absorvido, se lhes facilitava servirem-se mediante pagamento. Houve uma tendência a

agrupar os animais de trabalho e de criação porque assim podiam ser melhor cuidados. Se organizou uma Cooperativa de "Abastos"; se modernizaram alguns serviços e havia uma preocupação constante de fazer as coisas da melhor maneira possível.

Eu tenho uma descrição de um *kibutz* de Israel com detalhes de como funciona e como vai se adaptando a cada problema que aparece, e posso dizer que a Coletividade da qual estou falando tinha muitas semelhanças com aquele *kibutz* de Israel.

Eu passei a ser um membro da Coletividade como os demais e continuei sendo o Secretário da Prefeitura e também Secretário da Coletividade e, por meus serviços, recebia a mesma remuneração que qualquer outro membro; e achava muito natural aquela situação. Para explicar aquele clima de boa vontade vou recorrer à "consigna" libertária para uma nova sociedade: "De cada um segundo suas forças, para cada um segundo suas necessidades", e éramos consequentes com esta "consigna". O clima geral era de colaboração e isso facilitava os estados de ânimo. Porém, também, e principalmente porque os que estavam na trincheira frente ao inimigo estavam com muito perigo e desconforto, e tudo que fizéssemos para ajudá-los ainda seria pouco.

O rendimento da produção agrícola era muito bom apesar de estar ausente a metade dos homens com força de trabalho. O pessoal da Coletividade se alimentava muito bem e se enviava mantimentos ao *front* sem receber retribuição por eles. Posteriormente, eu me tenho perguntado duas coisas: os que viviam em Coletividade estavam satisfeitos com aquele sistema de vida? Eu penso que sim, porque havia harmonia e fartura e se enfrentava os problemas melhor que individualmente; e, quando as condições gerais melhorassem, também deveria melhorar a Coletividade. A outra pergunta: no suposto que o lado republicano vencesse a guerra, sobreviveriam as Coletividades? Apareceriam muitas alternativas e se poderia organizar também a vida nas formas tradicionais. O instinto de liberdade individual seria uma tentação muito grande e as rivalidades políticas dificultariam a continuação pacífica das Coletividades. Porém, ainda assim, cada sistema escolhido teria suas dificuldades e isso determinaria a escolha. Não se deve esquecer que o clima de harmonia e

fraternidade da vida mais em comum era muito agradável e que na hora de enfrentar dificuldades, estando junto, era mais fácil. Mas, bem possível que as que ficassem continuariam a funcionar bem.

As Coletividades se organizaram forma geral, em todas as localidades de Aragón que estavam no campo republicano. Foram bem aceitas por todos os partidos, menos o Partido Comunista. Porém, a influência predominante era dos libertários. Insisto que o Partido Comunista não queria nenhuma realização revolucionária que não fosse controlada por ele, pois tudo levava a crer que tinham diretrizes rígidas da URSS nesse sentido.

Eu vivi doze meses integrado na Coletividade e foi uma experiência agradável e que ficou na minha memória como um tempo bom. Trabalhava muito porque isso era exigido em muitos momentos, porém, o fazia com gosto e nunca me passou pelo pensamento que minha remuneração não fosse justa. Não obstante isso, senti vontade de sair e um amigo, Manuel Sala, me ofereceu um lugar na redação de um jornal da CNT que ia ser publicado em Alcañiz, o *Cultura e Acción*. Permaneci três meses nesse emprego, quando apareceu a División Comunista de Lister destruindo as Coletividades e perseguindo aos cenetistas com mão dura. Tive que fugir como se esse inimigo fosse os nacionalistas. Em Barcelona, me ofereceram emprego na redação de *Solidaridad Obrera*, que era o órgão representativo da CNT. Dois meses depois mobilizaram meu "reemplazo" e deveria apresentar no quartel para ser enviado para o front. Porém, o mesmo amigo que me facilitou o trabalho no jornal de Alcañiz, que era *Cultura e Acción*, me convidou a trabalhar na secretaria do Comissariado da 25 División, e lá fiquei até o término da guerra. Estávamos no front, mas não nas trincheiras.

Naquele lugar estava bem informado do andamento da guerra, que era ruim para nós. No final de março de 1939, recebemos a ordem de cessar o fogo e de retirada. Sabíamos que não tínhamos saída, porém, como nos negávamos a renunciar a toda esperança, nos reunimos no porto de Alicante. Éramos muitos. Se falou em 50.000: sem comida, sem teto e sem esperança. Digo mal. Me lembro, como se fosse agora, que no momento em que vi os primeiros soldados nacionalistas, tive uma

Izabel Andrade Marson

sensação de frio na espinha dorsal, porém disse aos companheiros: "Está a situação muito mal, porém, quem sabe se um dia, não se resolverá!". A saída que eu imaginava tardaria 36 anos e muitos não chegaram a vê-la. Chegou com a morte Franco no ano de 1975 e a abertura da política espanhola para a democracia.

Eu acredito que os que "*vivimos*" a época dos anos 20 aos 40 participamos de uns momentos de transição muito importantes: foi o confronto das forças do passado com as do futuro. A cada manifestação de repressão das forças autoritárias, nós apresentávamos única saída de liberação. Foram os conceitos de igualdade da mulher com o homem, de liberdade sexual responsável, de direitos dos trabalhadores, da oposição à tirania do Estado, da emancipação total dos condicionamentos da Igreja, de combate aos "latifundiários" que monopolizavam a posse da terra, de reconhecer o valor do trabalho produtivo frente à especulação, de prescindir da burocracia usando a ação direta.

Era um leque grande de propósitos que tinham como miolo de seu conteúdo a liberdade e tudo que a acompanhava. Por isso, os mais representativos dessas aspirações eram os libertários. Não éramos únicos; havia outros cujo mérito devemos reconhecer.

Atualmente a sociedade desfruta de muitas liberdades e um bom número delas tem semelhança com as que nós pretendíamos alcançar. Por isso, eu digo que, de algum modo, fomos os precursores das liberdades de hoje; os que tentamos abrir os caminhos da liberdade. E os que "*vivimos*" essa época gloriosa, nos sentimos orgulhosos de haver participado da luta emancipadora.

São Carlos, 15/6/95.

Valentín Obac Puyol